



EDUCAÇÃO PARA A PESQUISA: INTERCRÍTICA ENTRE MITO E CIÊNCIA

Education for research: intercritique between myth and science

Josineide Silveira de Olivera*

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

João Bosco Filho**

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Umberto de Araújo Medeiros***

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

DOI: 10.29327/256659.15.2-16

RESUMO:

Discute-se neste artigo o conceito de interface considerando a pesquisa como uma arte capaz de tecer relações entre o mito e a ciência. A complexidade de tal relação requer, por parte dos pesquisadores, sabedoria e destreza racional. Supõe a faculdade de adentrar no questionamento de sonhos essenciais da condição humana, por vezes moldados pela lógica mítica influenciadora do viver, por vezes compostos pelo dinamismo da realidade concreta, à procura de intercâmbio de contribuições apto às exigências dialógicas. Os interlocutores teóricos requisitados nessa reflexão são Baruch Spinoza, Henri Atlan e Edgar Morin. A partir do mito egípcio de Isis e Osíris desenvolve-se uma pragmática quaternária orientada pela busca, religação, criação e oferta, estratégias investigativas capazes de captar informações, abrir-se às surpresas, ater-se às contradições e ordenar ideias e ações.

Palavras-Chave: Intercrítica; Mito; Ciência.

* Doutora em Educação. Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRN (PPGED/UFRN). Pesquisadora do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM). Email: josilveira02@gmail.com

** Doutor em Educação. Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da UERN. Email: boscofilho38@gmail.com.

*** Doutor em Educação. Professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (DCH/UFERSA). Pesquisador do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM). Email: umberto@ufersa.edu.br

DECLARAÇÃO DE ANSEIOS

Dentre as exigências que compõem a complexa relação mestre e discípulo, aguçar a emergência do atributo de pesquisador no discípulo constitui-se num dos maiores desafios do mestre, pois o ato de pesquisar diz respeito à ânsia humana de lançar-se às surpresas do mundo, captá-las e ordená-las. Se no discípulo, jovem pesquisador, a sedução das primeiras descobertas produz euforia pela celeridade das respostas encontradas, no mestre resulta num árduo exercício de racionalidade cuja persistência, o confronto com a contradição e a admissão da incompletude constituem-se princípios basilares para a construção do conhecimento adequado. A formação do pesquisador supõe polimento do espírito a fim de prepará-lo para compor uma estética do viver elaborada e impressa sob o signo da sabedoria e destreza diante dos reclames do mundo.

Recorrendo ao filósofo Baruch Spinoza (1632–1677), percebe-se que a delicadeza desse processo preconiza a necessidade de formação de um sujeito apto a transpor as imagens confusas do conhecimento - composto na confluência das superstições e das crenças - e capaz de abrir-se à reflexão, em perseguição ao conhecimento “pela causa”; um sujeito interessado em conhecer o modo como as coisas são construídas e quais são as cadeias de relações que determinam a sequência do viver. A persistência efetiva-se pelo esforço de compreensão dos determinismos que se impõem no horizonte da cultura e se traduz no confronto das contradições para ultrapassar limites estabelecidos, refazer itinerários e se inscrever no mundo como sujeito responsável.

A pesquisa é uma atividade que responde a sonhos essenciais da condição humana intimamente relacionada ao propósito do sujeito se portar no mundo; recruta princípios éticos que se impõem pela complexidade das interrogações do viver; e mobiliza a inteligência rumo ao bem pensar em atinência às necessidades que se apresentam. No que toca à formação acadêmica do pesquisador é oportuno recorrer ao biólogo Henri Atlan (1994), na exposição de que o “viver” e o “conhecer” pressupõem auto-organização permanente. A pesquisa é a diligência do pensamento no trânsito entre a “experiência vaga” perceptível no cotidiano, a razão no curso do rigor científico e as convicções éticas que delimitam a condição do sujeito em vista da compreensão dos fenômenos. Adverte Atlan:

as nossas atividades de conhecimento, mesmo as mais abstratas e as mais formais, não se produzem no vazio; elas fazem parte do conjunto dos nossos

comportamentos, individuais e sociais, ainda que as ideias tenham a sua vida própria e uma história que parece desenrolar-se de forma independente... (Atlan, 1994, p. 264).

São apelos que ecoam da existência do pesquisador, se forjam como obsessões pessoais e suscitam respostas. A procura dessas respostas requer maturidade para traçar estratégias diante da história do fenômeno. A persistência do mestre consiste na orientação do discípulo para além de uma sequência rígida de passos. Transcende a prática da experimentação, da aplicabilidade de técnicas, das explicações fechadas para inscrever-se num compartilhamento de ideias. Supõe a nutrição da curiosidade mantendo acesa a problematização permanente. Diferente das enquetes que objetivam a obtenção de dados, a pesquisa é para o mestre um investimento de vida que deve ser compartilhado com o discípulo. Já para o discípulo, o legado adquirido na convivência com o mestre constitui-se um patrimônio a ser preservado sob os auspícios do amor. Nas palavras de Edgar Morin (2010a, p. 22).

Trata-se, desde cedo, de encorajar, de investigar a aptidão interrogativa e orientá-la para os problemas fundamentais de nossa própria condição e nossa época. É evidente que isso não pode ser inserido num programa, só pode ser impulsionado por um fervor educativo. Significa passar em revista o contingente de possibilidades que circundam a problemática pesquisada a fim de conceber o imperativo e a viabilidade de certas decisões. Pesquisar é um ato político que põe o pesquisador no limite entre as convicções pessoais e a necessidade de “escolhas ponderadas” em detrimento da servidão passiva.

O aforamento entre o que seja o desejo do pesquisador e a prudência imposta pelas necessidades do fenômeno requer compreensão das contradições, austereza na condução da ação e autodeterminação diante do que determina. Como diz Henri Atlan, pesquisar é um exercício de alta racionalidade:

uma intensa atividade do nosso espírito e do nosso corpo [...]. É quando estou ativo que vivo a experiência de ser sujeito daquilo que sou e daquilo que faço. Sou sujeito não como um império dentro de um império, que escapa ao determinismo, mas compreendendo e conhecendo os determinismos da natureza que atuam sobre mim e me fazem agir (Atlan, 2004, p. 34).

O exame apurado dos parâmetros dessas racionalidades implica no reconhecimento de que os sujeitos são talhados por múltiplas linguagens e, por conseguinte, possibilidades de acesso às várias leituras do mundo. A exploração dos apegos emocionais inspiradores de

tais racionalidades facilitará o reconhecimento dos determinismos norteadores das linguagens delineadoras da problemática. A estratégia de método denominada por Atlan (1993) de “intercrítica” ajuda a perceber os limites de uma única explicação e amplia a potência das lições a serem compreendidas na empreitada da pesquisa. Atlan (2004) defende que interpretações diversas de um mesmo fenômeno advindas dos mitos, da política ou das ciências favorecem o debate e alargam os horizontes das compreensões.

ENSAIOS DE INTERCRÍTICA

No exercício que se segue, longe de uma tentativa de síntese entre o mito e a ciência pretende-se reconhecer as contribuições dessas linguagens para o amadurecimento da formação do pesquisador. Nesse intento o mito egípcio de Osíris e Ísis cumpre bem esse propósito. Eis a narrativa:

Osíris e Ísis desceram à terra a fim de espalhar dádivas e bênçãos sobre os seus habitantes. Isis ensinou-lhes primeiro o uso do trigo e da cevada. Osíris fez os instrumentos de agricultura e ensinou aos homens como usá-los, assim como atrelar o boi ao arado. Depois, deu leis aos homens, a instituição do casamento, uma organização civil, e explicou-lhes como deviam adorar aos deuses. Tendo, assim, feito do vale do Nilo uma região feliz, reuniu uma hoste, com a qual foi distribuir suas bênçãos ao resto do mundo. Conquistou nações por toda a parte com música e eloquência. Seu irmão, Tifão, viu aquilo e encheu-se de inveja e malícia, procurando, durante sua ausência, usurpar-lhe o trono. Isis, porém, que mantinha as rédeas do governo em suas mãos, frustrou-lhe os planos. Amargurado, ele resolveu matar o irmão da seguinte maneira: Construiu uma caixa de madeira com as medidas de Osíris e declarou que daria de presente a quem coubesse perfeitamente nela. Todos os presentes tentaram em vão, mas assim que Osíris entrou no cofre, Tifão e seus companheiros fecharam-lhe a tampa e atiraram-no ao Nilo. Quando Ísis soube do assassinato cruel chorou e lamentou-se, e, com os cabelos cortados, vestida de preto e batendo no próprio peito, procurou diligentemente o corpo do marido (Bulfinch, 2006, p. 370-371).

Isis e Osíris mostram-se instauradores da cultura, isto é, provedores de uma estética de ordenamento que a racionalidade mítica reproduz como um modelo de perfeição. Isis, movida pelo espírito de *finesse*, desenvolve a sutileza da persistência: ensina os humanos a transformar colheitas dos grãos em alimentos. Osíris atua sob a égide geométrica e tem por base a programação e o manejo dos instrumentos.

Entretanto, a completude ensaiada pelos deuses como implantação do reino da “paz perpétua” na Terra logo é atacada pelas mazelas do reino incerto da condição humana

onde residem “inveja” e “malícia” e manifestam-se as contradições que afetam bons propósitos e rígidos planejamentos. A sobriedade divina dos protagonistas da narrativa não é capaz de resistir às estratégias destrutivas de Tifão. Com o infortúnio do desaparecimento de Osíris e na ausência de instrumentos de precisão para indicar onde encontraria o corpo do marido, Isis recorre à astúcia da persistência: refaz o itinerário, estuda as condições objetivas, mobiliza a inteligência e distribui seu propósito por todas as partes. Impõe-se um novo destino.

Inicialmente a procura não obteve sucesso porque o cofre à deriva ficou encravado nos caniços que cresciam à beira da água. O divino poder que resistia no corpo de Osíris comunicou tal força à moita, que ela cresceu como árvore poderosa, encerrando em seu tronco o ataúde do deus. Aquela árvore, com seu sagrado depósito, foi logo depois cortada e levantada, como coluna, no palácio do Rei da Fenícia. Com auxílio de Anúbis e das aves sagradas, Isis foi para a cidade real e ofereceu-se no palácio, como serva. Sendo admitida, libertou-se de seu disfarce e apareceu como deusa, cercada de trovões e relâmpagos. Batendo na coluna com a mão, fendeu-a pelo meio, e encontrou o ataúde sagrado. Apoderou-se dele, e voltou escondendo-o na profundidade de uma floresta. Tifão descobriu o fato, cortou o corpo em catorze pedaços, espalhou-os para todos os lados. Depois de exaustiva busca, Isis encontrou treze desses pedaços, pois os peixes do Nilo haviam comido o décimo quarto. Aquele pedaço ela o substituiu por uma imitação, feita de madeira de sicômoro, e enterrou o corpo em Filoe, que daí em diante tornou-se ponto de peregrinações (Bulfinch, 2006, p. 371-372).

A persistência favorece o enfretamento das contradições, mas não é capaz de eliminá-las. O fim da busca logo exige outro recomeço e novamente apresenta a impossibilidade da completude. Admitir a incompletude requer o encorajamento da criação. Ao fabricar o décimo quarto pedaço do corpo de Osíris Isis repõe com sentido ao que está lacunar. A lição é a de que na constatação da falta e da aparente impossibilidade o sujeito é forçado à ação criativa. Por outras palavras, o reconhecimento das carências possibilita a reorganização em vista da articulação das forças de conjunção. O término da narrativa expõe o lugar do sepultamento de Osíris como “centro de peregrinação”. Os espaços de peregrinação servem ao entendimento do exercício de reunir diversidades para o reabastecimento das almas.

Nessa esteira a pesquisa é o exercício de reabastecimento do conhecimento.

RELIGANDO CIÊNCIA E MITO

Por que a escolha desse mito para falar das lições de pesquisa? Por causa da percepção do que chamaremos aqui de pragmática quaternária utilizada pela deusa Isis para não se deixar vencer pela dor. Com base no mito elegem-se quatro estratégias que bem podem ser assumidas pelo pesquisador, de modo a não ceder aos desencantos e diagnósticos apressados, mas perseverar no propósito do bem pensar: buscar, religar, criar, oferecer.

Buscar: a busca de Isis pelo corpo do marido assassinado nos faz pensar a complexidade de um processo de busca. Requer o nada fácil despertar do espírito interrogativo acionado pela obsessão de encontrar respostas, suprir desejos, apascentar paixões tristes ou alegres. No que diz respeito à pesquisa científica esse também não é um exercício de fácil diligência.

O confronto entre a necessidade de compreensão de uma problemática e a constatação da carência nos suplementos deve ser assistido pelas confissões do espírito inquieto e se apresentar a cada pesquisador na forma dos questionamentos: “Por que devo me deter sobre tal fenômeno?” “Qual será a minha contribuição para essa reflexão?” No que toca à pesquisa científica, tais questões norteadoras do Projeto de Pesquisa muitas vezes são negligenciadas e substituídas pela imediatez das exigências cotidianas, como, por exemplo, a necessidade de conclusão de um curso, o envolvimento na pesquisa do orientador ou, ainda, a encomenda de uma resposta às exigências do mercado financeiro. Elaborar uma pergunta de partida, traçar um percurso investigativo e eleger um referencial teórico não garantem a eficácia no desenvolvimento do Projeto de Pesquisa.

As perguntas que remetem ao “por quê” e o “para quê” me interesse pelo tema precedem a formulação do problema de estudos por que suscitam no pesquisador a descoberta do seu envolvimento ético e o comprometimento responsável com as ressonâncias sociais do tema. De igual modo a escolha do orientador deve ser norteadora por um parlamento de interesses no qual a identidade de ideias, a disposição de valores e a cumplicidade ética “precisam estar atrelados a um horizonte mais alargado de compreensão da ciência e da missão do intelectual” (Almeida, 2003, p. 40).

A relação que se estabelece entre o jovem pesquisador e seu orientador é uma relação de reciprocidade. Enquanto o primeiro procura as referências que o guiarão no percurso acadêmico, o segundo procura adequar leituras, métodos e sonhos em vista de plasmar seu

herdeiro de ideias. É no fluxo desse compartilhamento que se revela a afinidade entre orientador e orientando e, igualmente, se estabelecem relações de autonomia e dependência. Autonomia no sentido de trazer para o universo das discussões interrogações e desdobramentos novos em torno do fenômeno estudado; dependência no sentido de reconhecer a dívida com os vários autores que anteriormente já se debruçaram sobre a temática, dentre eles, o orientador. Some-se a isso a abordagem dos outros saberes que inferem sobre o tema.

As estratégias de busca estão para além do “espírito de programação [que] castra as curiosidades que toda consciência tem de querer saber sobre o humano, a vida, a sociedade e o mundo” (Morin, 2015, p. 121). Manter desperto o espírito de inquietude e acesa a chama da curiosidade previne o orientando contra o excesso de insegurança do qual se originam as perguntas constantes: “O que devo ler?”, “Como devo proceder?”. Buscar significa traçar caminhos, rever objetivos, reelaborar hipóteses. Se ao orientando cabe a audácia da proposição de percursos ainda não ensaiados, ao orientador cabe incentivar, sugerir, prevenir e acompanhar o desenrolar da pesquisa.

Religar: retomando a lembrança do mito de Isis e Osíris, meditamos sobre a estratégia da religação como um movimento de reconhecimento da natureza de cada parte do todo. Significa deter-se em cada pedaço encontrado tendo por propósito compreender as trocas, relações e influências com as outras partes do corpo. Na pesquisa científica, rejuntar o que foi separado é um exercício que desafia a sequência linear do método e abre possibilidades de perceber novas relações e ampliar as compreensões do fenômeno. O exercício cartesiano que sugere um passo a passo investigativo despreza as incertezas e discontinuidades. Focar numa pseudo-objetividade sem considerar os fios que tecem a teia de relações que envolvem a problemática é esterilizar o método e esmorecer a imaginação.

Dividir cada dificuldade examinada em tantas partes quantas puder e for necessário para melhor resolvê-las; conduzir pela ordem os pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir aos poucos, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos e supondo até haver certa ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros; fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que assegurem nada omitir (Descartes, 2012, p. 21).

Aos procedimentos do método cartesiano são acrescentadas lições advindas de outros saberes. A lição tirada do mito de Isis e Osíris é a de que no fluxo contínuo dos acontecimentos não foi fácil encontrar o corpo que estava mimetizado na árvore. Foram muitas as discontinuidades que forçaram deslocamentos, reinvenções e astúcias. A deusa precisou de “disfarces” e auxílios que não estavam previstos, até libertar o “ataúde sagrado”. Na perspectiva da complexidade é preciso considerar os acasos perturbadores da ordem apresentada em princípio e “desenvolver a disposição natural da mente humana para situar todas as informações em contexto e em um conjunto” (Morin, 2015, p. 100).

Trabalhar pela religação é compreender que as iniciativas, reflexões e decisões exigem implemento do conhecimento intuitivo, aquele nascido na conjugação das sabedorias da aparência, da razão e da compreensão; que é capaz de tomar para si a responsabilidade e os imperativos que se apresentam como desafios, a fim de responder conforme as exigências da necessidade. Trata-se da capacidade de restaurar, renovar e possibilitar emergências.

Por outras palavras, aquele conhecimento que, mediante as determinações, não se enrijece, mas cria possibilidades. Aqui cabe uma recomendação: toda pesquisa científica precisa começar com um projeto de intensões capaz de inventariar estudos já desenvolvidos sobre o assunto, fontes inspiradoras, vias de aproximação e hipóteses a serem confirmadas. Entretanto, esse protocolo altera-se à medida que se apresentam indícios desagregadores.

Diante das dificuldades do processo de pesquisa é preciso fazer como Isis, atizar as forças do coração e derrubar as colunas confinadoras do bem pensar e do adequado agir. A Integração simultânea dos saberes possibilita enxergar múltiplas dimensões de uma mesma realidade ou de um mesmo fenômeno. Responder às exigências de tal integração requer intercâmbio entre cultura científica e cultura humanística, respectivamente. A primeira representa a programação feita *a priori* e a segunda as estratégias traçadas a partir do imperativo das emergências.

A tensão que se origina na realização de tal intercâmbio pleiteia uma reforma do pensamento capaz de salvaguardar resquícios de complementaridade advindos das contribuições de cada cultura. Longe da ideia de uma revolução do pensamento que destrói as bases já construídas e instaura uma estratégia reitora, Edgar Morin (2010b) propõe uma

reforma nos alicerces do pensar. No lugar da separação que obedece ao fascínio de uma objetividade intimidativa, o cultivo da práxis dialógica que abre brechas na razão fechada.

A reforma do pensamento convida a experimentar o que Edgar Morin chama de exercício de “um pensamento do sul” (2010b), aquele que escapa aos ditames de um só norte para abraçar a diversidade; que resiste à dispersão e ao aniquilamento do mais fraco para admitir e incorporar o que associa, integra, dialoga. Acatar a riqueza da diversidade impõe atenção aos “ruídos” denunciadores de desordens que podem criar resistências num primeiro sentir, mas, num segundo sentir, podem propiciar a reestruturação das bases e o desenvolvimento da maturidade do pesquisador. Não basta fazer o discurso de respeito aos pressupostos alheios e continuar no seu mundo particular.

É necessário agir na confluência dos sonhos, investir na constituição de um parlamento educativo que prime pela discussão e o aprendizado de virtudes capazes de resistir ao egocentrismo que favorece o fortalecimento das concepções como “meu objeto de estudos”, “minha tese”. A educação para uma reforma do pensamento consiste na recusa da cisão entre as ciências, a filosofia e os mitos, bem como na manutenção da vigilância constante contra os perigos das sínteses conclusivas. Adotar como pertinentes ensaios de democracia cognitiva permitirá fazer da pesquisa um rito de experimentação do novo, um encontro com o inesperado e o primado de uma ciência que sabe tirar proveito das muitas leituras do mundo.

Criar: na recomposição do corpo de Osíris, Isis percebe a falta de uma das partes e, na impossibilidade de encontrá-la resolve criar a parte faltante com os objetos que dispõe. Isis, dotada de sensibilidade do cultivo e pouco afeita aos modelos pragmáticos, reconhece na força das circunstâncias a oportunidade de reunir razão e sensibilidade e cria a décima quarta parte que faltava de Osíris. O mesmo também acontece com a pesquisa. A criação do pedaço que falta recruta aptidões às vezes desconhecidas e faz florescer potenciais que o pesquisador não julgava possuir. É quando ele olha para a sua produção e pensa: “eu não sabia que seria capaz de fazer isso”. É o instante de instituir-se como sujeito do conhecimento; de tomar para si o transcurso das ideias; de fortalecer a robustez dos argumentos e reunir as condições para a defesa da tese.

Cabe a questão: como estão sendo formados os futuros pesquisadores? Instiga George Steiner (2005, p. 31): “ensinar seriamente é pôr a mão no que há de mais vital no ser

humano; é tentar ter acesso ao que há de mais sensível e de mais íntimo da integridade de uma criança ou de um adulto”. Forçar o novo pesquisador a fazer emergir a criação é grande desafio do orientador. É como se o mestre pressentisse o potencial do pesquisador em formação e incitasse o desabrochar. O mestre, ao incentivar a criação, prepara o futuro pesquisador para desafiar o impossível e para projetar o que antes era ausência.

O discípulo, desafiado a compor o próprio referencial teórico e escolher vias adequadas de acesso ao conhecer, traça as estratégias de autoformação, que, por sua vez, transita pela via autodidata. Um estado de inquietude denuncia o reconhecimento de um paradoxo: no decorrer da pesquisa, momentos de recolhimento para leituras, reflexão e exercício da escrita são necessários, mas é importante não se enredar no isolamento. Momentos de bloqueios e desânimos só são superados no compartilhamento das questões. A proximidade com o orientador e a pertença a um grupo de estudos ajudam a nutrir o calor das ideias e trafegar pelas brechas de outras lógicas. Criar significa prestar atenção nas falas, nos silêncios, tecer-se a si mesmo e expor-se ao mundo. Talvez essa seja uma das razões da insegurança de muitos pesquisadores, o medo de expor-se para cumprir o mandado de constatação da incompletude. A ciência, como a deusa Isis, procura o pedaço que falta e cada pesquisador tem por incumbência a criação, sempre inacabada.

Oferecer: atentemos para o final do mito. Depois da reconstituição, a esposa oferece à terra o corpo do marido como resposta ao cio da vida: alimentar-se de morte para regenerar-se. O testemunho do mito aduz o axioma filosófico anunciado por Heráclito, “viver de morte, morrer de vida”, menos para comparação equalizadora das linguagens mítica e filosófica e mais para reforçar a contradição como lógica organizadora do mundo e regeneradora da vida (Morin, 2013). Mediante crises e tensões são abertas vias de superação. Para reabilitar seu propósito primeiro, disseminar entre os homens as bênçãos de fartura, a deusa é forçada a enfrentar vícios e carências da miséria humana. Isis é aqui entendida como pesquisadora por excelência; aquela que busca pedaços dispersos, os religa, percebe as lacunas e recompõe o que falta em vista do bem comum.

Como todo grande pesquisador, opera na tensão dos signos da obrigação e do arroubo transformando dor em verbo e em contribuição ao conhecimento. Diz a narrativa: “O lugar no qual Osíris foi enterrado transformou-se em ponto de peregrinação”. Lugar de acolhimento das confissões da prosa da vida e aconchego da imaginação que alivia o peso do

viver. A pesquisa deve resultar na construção do conhecimento científico comprometido com o destino da vida e da sorte do tempo presente.

Oxalá as universidades e demais centros de pesquisas pudessem ser análogos aos centros de peregrinações, aptos aos sucessivos renascimentos, disseminadores de dádivas, reservas de esperança, disponíveis a todos os viventes. É imprescindível a abertura às parcerias com outras instituições, menos para receber insumos e financiamentos das agências – comprometidas com a vontade do mercado, o desenvolvimento de técnicas em detrimento da pessoa humana – e mais para parlamentar sobre alternativas promotoras de solidariedade, ética e justiça.

Nas palavras de Maria da Conceição Almeida, uma ciência atenta às diligências da vida precisa de um pesquisador cujo curso intelectual esteja

comprometido com o seu tempo, seu lugar e com tarefas pontuais e inadiáveis, sim, mas também construtor de futuros, guardião da cultura do passado, conhecedor de outras praças, outros problemas, outras dores, outros fenômenos, outras verdades e outras vidas que não estão sob seus olhos no seu tempo, no seu lugar, na sua aldeia (Almeida, 2003, p. 19).

A formação desse tipo de intelectual pesquisador não pode ficar restrita aos muros fechados das universidades e aos limites da racionalização egocêntrica que se envaidece no entretenimento das disputas acadêmicas. Comprometer-se com o construto de uma ciência capaz de projetar futuro sem esquecer o passado e sem descuidar do presente requer deslocamentos, compartilhamentos, aprendizagens sem fim; a renovação constante da promessa de fazer do conhecimento resposta à aspereza da vida.

DAS APRENDIZAGENS

O pesquisador precisa ser um ser tatuado pela infinidade de sentidos. Disposto a absorver em si as tintas de especialistas das ciências, dos filósofos das letras e da vida, dos religiosos e dos poetas. Mais que o polimento da razão, a construção do conhecimento pela via da pesquisa permite a formação de um sujeito mestiço. *Expert* na precisão do detalhe, no rigor da análise, no esmero da condução. Filósofo no estranhamento do repetitivo, no vaguear das ideias, na exploração do olhar. Religioso na ânsia de transcendência, na crença da vida,

no pragmatismo da fé. Poeta na sede do infinito, no devaneio da criação, no entressonhar do que virá.

Na condição de mestiço junta, religa, cria, oferece o conhecimento que lhe coube produzir na utopia de suprir ausências. A responsabilidade de construção do conhecimento adequado une mestre e discípulo na conjugação entre prudência e desmesura. Ambos se reconhecem agentes de destinos, promotores de esperança e produtores de realidades. A canção *Coração civil* de Milton Nascimento (1981) bem poderia embalar o curso desse processo.

Quero a utopia, quero tudo e mais
Quero a felicidade dos olhos de um pai
Quero a alegria muita gente feliz
Quero que a justiça reine em meu país
Quero a liberdade, quero o vinho e o pão
Quero ser amizade, quero amor, prazer
Quero nossa cidade sempre ensolarada
Os meninos e o povo no poder, eu quero ver
[...]
Se o poeta é o que sonha o que vai ser real
Bom sonhar coisas boas que o homem faz
E esperar pelos frutos no quintal

Ensinar com grandiosidade é despertar dúvidas no discípulo, treiná-lo para divergir, mas, sobretudo, para tornar-se compositor de um mundo melhor. Mais que oferecer diagnósticos, interpretações, técnicas de investigação que constroem um objeto de estudos separado do conhecimento, o orientador deve primeiro sugerir a leitura compartilhada de um protocolo de intensões do novo pesquisador.

Tal leitura permitirá, de partida, ajudar o futuro intelectual a fazer um exame das próprias crenças e como estas interferem no seu pensar e agir. Reconhecer a importância dos diversos saberes que habitam o pesquisador previne contra os antídotos da curiosidade e ajuda no despertar da sabedoria, condição imperativa do bem viver. Perguntar-se sobre o que é essencial na arte da regeneração de si e do mundo, como aconselha Clarissa Pinkola Estés (1998), talvez seja a primeira providência ética a ser admitida por todo pesquisador.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria da Conceição de; KNOBBE, Margarida Maria. **Ciclos e metamorfoses**: uma experiência de reforma universitária. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- ATLAN, Henri. **Com razão ou sem ela**: intercristica da ciência e do mito. Lisboa: Editora Piaget, 1994.
- ATLAN, Henri. **Será a Ciência Inumana?** Ensaio sobre a livre necessidade. Tradução de Isabel Andrade. Lisboa: Editora Piaget, 2004.
- BULFINCH, Thomas. **O livro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- DESCARTES, René. **Discurso do Método**: meditações. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **O dom da história**: uma fábula sobre o que é suficiente. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MORIN, Edgar. **A Cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 17. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010a.
- MORIN, Edgar. **Para um pensamento do sul**. Tradução: Edgard de Assis Carvalho. SESC Nacional, 2010b.
- MORIN, Edgar. **Meus Filósofos**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- NASCIMENTO, Milton. **Coração civil**. Rio de Janeiro: Sony, 1981. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/milton-nascimento/47420/>. Acesso em: 18 jul. 2019.
- STEINER, George. **Lições dos mestres**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

ABSTRACT:

This article discusses the concept of interface, considering research as an art capable of weaving relationships between myth and science. The complexity of this relationship requires wisdom and rational dexterity on the part of researchers. It implies the ability to enter into the questioning of essential dreams of the human condition, sometimes shaped by the mythical logic that influences life, sometimes composed of the dynamism of concrete reality, in search of an exchange of contributions suited to dialogical demands. The theoretical interlocutors required for this reflection are Baruch Spinoza, Henri Atlan and Edgar Morin. Based on the Egyptian myth of Isis and Osiris, a quaternary pragmatics is developed, guided by search, reconnection, creation and offering, investigative strategies capable of capturing information, opening up to surprises, sticking to contradictions and ordering ideas and actions.

Keywords: Intercritique; Myth; Science.

Recebido em 16/08/2024

Aprovado para publicação em 23/10/2024